

CULTURA LOCAL COMO PARTE DIVERSIFICADA DO CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL¹

Ma. Cinara Rick ²
Diana Patrícia Mauer ³
Vanessa Silva Bernardes ⁴
Dr. Leandro Forell ⁵

RESUMO

A realização deste resumo parte de um recorte da dissertação de Mestrado Profissional em Educação que realizou uma pesquisa junto de professoras de um município do litoral norte do RS, no qual discussões sobre as culturas locais que permeiam o currículo da Educação Infantil integravam ou não suas práticas cotidianas. Com um viés antropológico optou-se pela metodologia do grupo focal de modo virtual, devido ao contexto pandêmico de COVID-19 e que possibilitou a interação das professoras. As discussões corroboram para uma certa invisibilidade das culturas locais no cotidiano da Educação Infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil. Cultura local. Currículo.

INTRODUÇÃO

O presente artigo refere-se a um recorte da dissertação intitulada 'Conhecimentos da Cultura Local na Prática Pedagógica da Educação Infantil: Uma Pesquisa com Professoras de Tramandaí/RS' do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul no ano de 2022. Esta pesquisa

¹ O trabalho é resultado de projeto de pesquisa do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

² Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - RS, cinara-rick@uergs.edu.br;

³ Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - RS, diana-mauer@uergs.edu.br;

⁴ Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - RS, vanessa-bernardes@uergs.edu.br;

⁵ Professor orientador: Doutor em Ciências do Movimento Humano UFRGS - RS, leandro-forell@uergs.edu.br.

tematiza sobre as compreensões que professoras da Educação Infantil do município de Tramandaí - RS possuem sobre a cultura local em seu fazer pedagógico no cotidiano com crianças pequenas.

Para a realização da pesquisa foram promovidos três encontros com pelo menos quatro professoras através da metodologia de grupo focal. Os encontros suscitaram discussões sobre a cultura local como parte diversificada do currículo da Educação Infantil respaldado na Base Nacional Comum Curricular - BNCC e no Referencial Curricular Gaúcho - RCG.

Frente às falas das professoras podemos perceber uma certa invisibilidade da cultura local neste currículo que trazem questões que nos instigam a refletir sobre temas como as rotinas da Educação Infantil, o cuidar e o educar, as relações das crianças e dos adultos, o currículo construído de forma participativa, nos fazendo compreender os limites e desafios que percebemos em nossa prática pedagógica quando o assunto é a cultura.

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada em um contexto pandêmico de Covid-19, que se perpetua desde 2020 até o presente ano, portanto, as discussões com as professoras, que foram realizadas entre os meses de março e junho de 2021, foram de forma online.

A metodologia utilizada neste estudo foi o grupo focal. Gatti (2005) pontua que esta metodologia permite compreender processos de construção de acontecimentos da realidade por determinados grupos sociais, compreendendo como algumas práticas, comportamentos que prevalecem nas percepções de pessoas que partilham traços em comum, neste caso professoras da Educação Infantil.

Os encontros ocorreram através da plataforma do *Google Meet* e contou com a partilha de disparadores como charges e pequenos vídeos, que suscitaram as discussões

entre as participantes da pesquisa sem a intervenção pontual de questionamentos da moderadora do grupo focal.

A metodologia do grupo focal nos permitiu ainda perceber como o espaço de discussão entre professoras de forma virtual pode ser um relevante aliado na formação continuada de professoras da Educação Infantil quanto à partilha de conhecimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As práticas de cuidado rotineiras como se alimentar, escovar os dentes, usar o banheiro são “conteúdos concretos da vida e também das aprendizagens selecionadas” (BARBOSA, 2006, p. 176). Estas práticas são aprendidas pelas crianças no meio familiar, no entanto, estes “conteúdos” passam da esfera privada para a esfera pública nas instituições de Educação Infantil, sendo ressignificados por “experiências transculturais e pelas intenções pedagógicas” (BARBOSA, 2006, p. 176).

Para Barbosa (2009, p. 77), todas as atividades do cotidiano da Educação Infantil fazem parte da cultura, assim “todas estas ações, e seus detalhes, são práticas pedagógicas no sentido em que as crianças, nesses momentos, estão ludicamente aprendendo e desenvolvendo hábitos, participando de sua cultura e dos modos de viver em comunidade”. Com isso pensemos no que comumente se vive em algumas escolas a partir da fala de uma das professoras:

Há muito tempo atrás, a gente tinha ideia de que o currículo devia estar centrado nas datas comemorativas. Tu recebia já uma lista de cada mês, isso, isso e isso. Eu trabalhei em uma particular na Cidade X [nome retirado pela pesquisadora], tudo, tudo era pautado na data comemorativa tudo e tu tinha que tirar as ideias do chapéu tipo. (PROFESSORA 1).

Horn e Barbosa (2008) afirmam que para haver uma aprendizagem é preciso uma organização do currículo que aborde elementos significativos tanto para crianças como professoras. Pois, “um currículo não pode ser a repetição contínua de conteúdos, como uma ladainha que se repete infindavelmente no mesmo ritmo [...]” (HORN; BARBOSA, 2008, p. 35).

As autoras chamam a atenção para um currículo prescritivo e o nomeiam como “um grave problema”. Este problema consiste no calendário de festividades, em que em diversos dias ou espaços de tempo, durante meses, as crianças ficam expostas a práticas pedagógicas “sem o menor significado, que se repetem todos os anos da sua vida na educação infantil, como episódios soltos no ar.” (HORN; BARBOSA, 2008, p.39).

Estes limites e desafios evidenciados na pesquisa também são percebidos nos documentos orientadores como na Base Nacional Comum Curricular - BNCC e no Referencial Curricular Gaúcho - RCG, nos modos como podem referenciar o patrimônio cultural, sem um caráter prescritivo. Por exemplo, quando pensamos na ampliação das brincadeiras de roda, nas músicas gauchescas, nas danças típicas, no sentido que o churrasco tem para cada família, a história da cultura local, as lendas e mitos locais e as festividades que envolvem a comunidade. Todos esses destaques são elementos significativos da cultura gaúcha que ganham sentido na proposição de experiências vivenciadas com as crianças. Este movimento só é possível se o currículo for tecido de modo significativo e contextualizado com a participação das crianças, famílias e comunidade.

Para Geertz (2014) esses saberes locais partem do senso comum que as pessoas possuem e que pode ser considerado como um sistema cultural, afirmando que essas pessoas que o possuem têm noção de seu valor e de sua validade.

No caso da Educação Infantil, as crianças trazem consigo estes saberes locais, quando afirmam determinada prática de sua família, compartilham vivências que possuem em locais de suas comunidades, portanto, a professora da Educação Infantil precisa manter uma escuta atenta a esses saberes, para partindo deles realizar novas possibilidades de experiências significativas com e para as crianças e que englobem tanto os saberes constituídos pela humanidade como os saberes locais de uma dada cultura, de uma determinada comunidade.

CONSIDERAÇÕES

Tendo em vista as percepções descritas na pesquisa compartilhamos algumas ideias que podem corroborar com as compreensões da cultura local na prática das professoras da Educação Infantil. A primeira é de que tanto a Antropologia quanto a Sociologia da Infância consideram um relativismo. O relativismo cultural é uma perspectiva do campo da Antropologia que vislumbra diferentes culturas de forma livre do etnocentrismo, ou seja, sem maneiras de julgar o fazer do outro partindo da própria cultura do grupo no qual se faz parte. Este relativismo evidencia discussões frente ao local e ao global (BOAS, 2004).

Já na Sociologia da Infância podemos considerar um relativismo no que tange às discussões sobre a relação entre adultos e crianças, na produção e reprodução de suas culturas. Nos referimos à diversidade das infâncias, que são plurais, nos entrelaçamentos de saberes das categorias geracionais e nas quais devemos enfatizar nossa prática pedagógica.

Ambos os campos tratam da cultura, portanto, acreditamos que para considerarmos a construção de um currículo que possa valorizar a cultura local é necessário construirmos um duplo relativismo, no qual devemos considerar tanto as particularidades locais da comunidade, como aquelas que dizem respeito ao conhecimento construído por crianças e adultos em suas relações.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

_____. Práticas cotidianas na Educação Infantil. Bases para a reflexão sobre as Orientações Curriculares. **Projeto de Cooperação Técnica MEC e UFRGS para construção de Orientações Curriculares para a Educação Infantil**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica e Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira.; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: v 3. Brasília: MEC, 2017.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Tradução de Vera Joscelyne. 14 ed. Petrópolis, - Rio de Janeiro: Vozes. 2014.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. **Referencial Curricular Gaúcho: Educação Infantil**. Departamento Pedagógico. Porto Alegre, 2018.